

GENAS

HISTÓRIAS DA MÚSICA DE BRASÍLIA | SETEMBRO 2026 | ANO 1 | Nº 1



30 anos sem
**RENATO
RUSSO**

Há 25 anos
contando histórias

SEN
HOR
F Social
Club

HISTÓRIA SECRETA DO ROCK BRASILEIRO



2 de julho de 2025

As cordas de acido de Lanny Gordin, de Jovem Guarda ao Tropicalismo



27 de março de 2025

Festival Primavera, ou Ibirastock, o festival que não aconteceu



12 de Janeiro de 2025

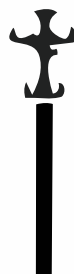
Classicos comentados: Psychotropicos, a psicodelia brasileira (60 & 70)



9 de Janeiro de 2025

Mutantes: Ando melo desligado, arranjo não identificado

www.SenhorF.com.br



CARTA AO LEITOR



Brasília sempre teve fama de cidade sem memória. Talvez porque tenha sido construída depressa demais.

Talvez porque, durante muito tempo, estivéssemos mais interessados no futuro do que naquilo que acabara de acontecer.

Mas a memória está por toda parte.

Numa fita K7 guardada há 40 anos. Num cartaz dobrado dentro de uma gaveta. Numa fotografia sem data. Numa notícia perdida no jornal. E, principalmente, nas pessoas que estavam lá e ainda se lembram.

CENAS nasceu para procurar essas histórias.

Esta é uma **revista sobre a música de Brasília**. Sobre o que aconteceu antes, durante e depois de a cidade descobrir que também tinha um som para chamar de seu. Sobre artistas que chegaram aos grandes palcos e outros que desapareceram quase sem deixar vestígios.

Não se pretende construir uma versão definitiva dessa história.

Memória não funciona assim.

Uma lembrança puxa outra.

Uma fotografia revela um nome.

Um nome abre uma porta fechada havia décadas.

Esta é a primeira **CENAS**.

Olímpio Cruz Neto
Editor



NESTE NÚMERO

AS CHEYENNES

As meninas pioneiras

p. 6

O TEMPO QUE FICOU

30 anos sem Renato Russo

p. 9

CASTELO NO CERRADO

Memórias da 312 Norte

p. 25

‘LONDON CALLING’?

40 anos do álbum da Plebe

p. 33

O DIA EM QUE

BRASÍLIA RACHOU

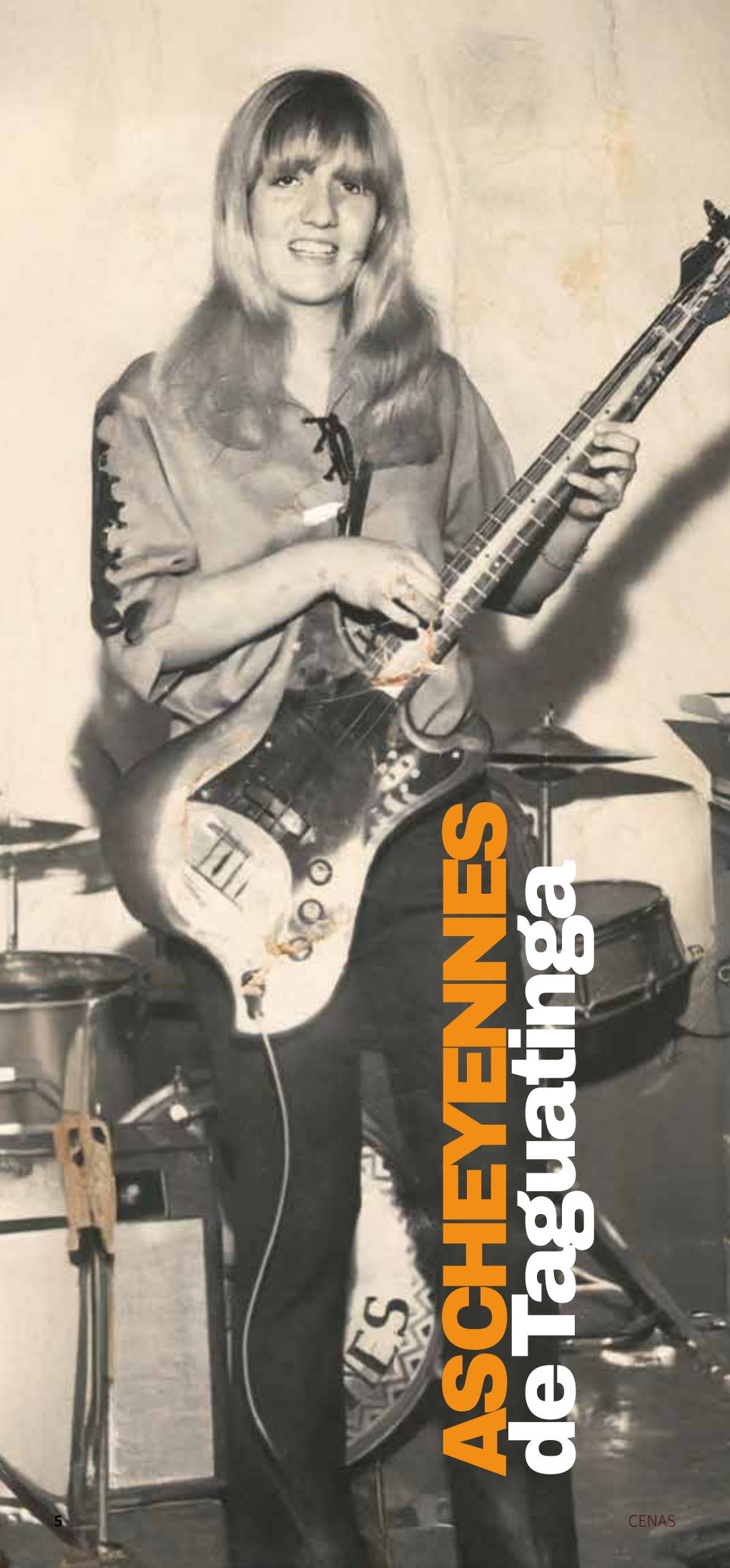
O Badernaço de 1986

p. 42

A NATA

Rock antes do boom

p. 63



ASCHEYENNES de Taguatinga

Nos tempos em que o rock era uma coisa basicamente de rapazes, uma banda formada apenas por garotas nos anos 60 mostra que, para além de Rita Lee, houve pioneiras no Planalto Central a empunhar guitarras e baixo, bater nos tambores e cantar alto

POR FERNANDO ROSA

Num tempo em que os Beatles mal haviam pousado nas rádios brasileiras e o Brasil se debruçava sobre o abismo de 1964, um grupo de garotas em Taguatinga, cidade-satélite ainda empoeirada e em construção, afinava guitarras, microfones e coragem. Eram Neusa (guitarra base), Nilsa (guitarra solo), Nair (bateria) e Maria (baixo). Nomes simples, de moças do Planalto Central, mas que carregam o peso e a beleza da invenção. Juntas formaram o The Cheyennes, uma das primeiras bandas de rock da região e, até onde se sabe, a primeira composta apenas por mulheres no Distrito Federal.

A história do The Cheyennes permaneceu por muito tempo envolta em silêncio, como se a poeira vermelha do cerrado a tivesse encoberto. Mas em cada bairro de Taguatinga há memórias espalhadas em garagens, clubes e salões de festas onde o som da banda ecoou.

As garotas animaram bailes e encontros juvenis não apenas em sua cidade natal, mas também em palcos de Minas Gerais e Goiás, compondo um mapa afetivo da juventude do interior brasileiro que resistia à monotonia com ritmo e rebeldia.

O grupo dividia espaço com nomes como Os Infernais, Os Reges, Os Primitivos e Os Geniais, formando o embrião do que viria a ser conhecido como o “rock da Colina” anos depois. Mas enquanto os garotos empunhavam guitarras com a pose de quem imita os Stones, as meninas do The Cheyennes tocavam com a firmeza de quem desbrava território novo.

Eram moças em meio a um cenário ainda dominado por padrões conservadores e esperanças modernistas. São tão pioneiras quanto Rita Lee Jones, que formou ainda em 1966 Os Mutantes com os irmãos Sérgio Dias e Arnaldo Baptista e se tornou nos anos 70 a “Rainha do Rock Brasileiro”.

A memória dessa banda preciosa, nascida em 1966, foi resgatada graças à dedicação do fotógrafo Danilo Jairo da Cruz (falecido em 2020), que registrou e publicou imagens e relatos em seu livro “As Histórias de Taguatinga, que eu sei contar”.



Pioneiras. A banda nasceu em Taguatinga, animou bailes e festas e alcançou outros palcos, tocando em Minas Gerais e Goiás

Danilo também criou o perfil “Pioneiros de Taguatinga” no Facebook, onde compartilhou o registro histórico do grupo. A fotografia das garotas, com seus instrumentos e expressões sérias, é mais do que um retrato de época: é um manifesto silencioso contra o esquecimento.

O professor e poeta Paulo Kauim, autor do livro “Rolla Pedra: Arte + Utopia - Sob nuvens de chumbo”, sobre o histórico Teatro Rolla Pedra, também teve papel fundamental ao abrir os arquivos e conectar os fios dessa memória. Seu trabalho ajuda a entender que a história cultural de Taguatinga não cabe nos clichês de periferia sem expressão.

Em tempos de redescoberta e valorização da presença feminina na música e nas artes, olhar para trás e encontrar o The Cheyennes é como escavar um diamante bruto. Elas estavam lá, com suas guitarras, baterias e baixos, muito antes que a crítica e a academia reconhecessem a importância de suas existências. É preciso repetir: a história do rock de Brasília não começa com a turma da UnB, mas com essas pioneiras de Taguatinga, que ousaram fazer barulho onde se esperava silêncio.

Que a memória das Cheyennes se amplifique. E que suas notas, ainda que distantes, continuem reverberando em cada esquina onde o rock encontra a coragem das mulheres. ■

Baile

Numa promoção dos formandos em Contabilidade do C.E.M.A.B., com início previsto para as 17 horas de hoje, será realizado um baile no "Clube dos 200", situado em Taguatinga. A festa será animada pelos conjuntos "Brasília Show-7" e "The Cheyennes (conjunto feminino).

Correio, 12 de maio de 1968. Cheyennes agitam o baile do Clube dos 200, em Taguatinga, ao lado do Brasília Show 7



**O TEMPO
QUE FICOU**

Quarenta anos depois do álbum Dois, as canções de Renato Russo ainda guardam a juventude de quem cresceu ouvindo o que parecia simples: temos todo o tempo do mundo

POR OLÍMPIO CRUZ NETO

Hoje, quando começa a tocar “Tempo Perdido”, alguma coisa acontece comigo. Os olhos ficam úmidos. Às vezes preciso parar. Não é tristeza. Muito menos saudade de Renato Russo, que eu conheci pouco e de passagem. É saudade de um tempo — e talvez do rapaz que eu era quando ouvi aquela música pela primeira vez.

Comprei *Dois* assim que o disco saiu. Levei para casa e passei uma tarde inteira ouvindo. Gostei imediatamente. Achei “Andrea Doria” e “Índios” impressionantes. Adorei ainda a pequena peça que é “Central do Brasil”. E ouvi “Tempo Perdido” muitas e muitas vezes naquele ano.

Eu tinha 19 anos. Estava começando a trabalhar. Saía da faculdade e ia namorar dentro da Belina do meu pai. Havia garotas, fitas cassete, discos, amigos, shows e uma cidade inteira toda para nós, moleques. Meu pai estava vivo. Meus filhos ainda não existiam.

Quarenta anos depois, o disco é o mesmo.

Eu é que não sou.

“Tempo Perdido” traz a estranha alquimia das grandes canções. Não envelhecem conosco. Mas guardam quem fomos. Eu sei que essa minha emoção não estava na música quando o disco saiu.

Foi o tempo que a colocou ali.

>>>

UM K7

Três anos antes de *Dois*, Renato Russo chegou até mim dentro de uma fita K7.

Foi em 1983.

Eu estava na sala de aula do Objetivo quando Totoni — Antônio Fragoso, que depois faria carreira como ator no teatro e na televisão — me entregou uma K7. Ele sabia que eu gostava de rock.

Na fita, Clash, Cure, Dead Kennedys, U2, Duran Duran, The Beat, Gang of Four. As canções estavam distribuídas aleatoriamente. E, dentre elas, músicas de três bandas de Brasília.

Eu já conhecia a Plebe Rude. Legião Urbana, não.

Da Legião estavam “A Dança”, “Petróleo do Futuro” e “Teorema”. Do Capital Inicial, “Descendo o Rio Nilo”. Da Plebe, “Festas” e “Moda”.

Acho que “Teorema” foi a primeira que ouvi. Percebi imediatamente a referência ao filme de Pasolini. Aquilo me fisionomizou. Havia algo por trás daquelas canções, referências que abriam outras portas e me davam vontade de descobrir de onde vinham.

E havia uma coisa que só agora eu percebo: no K7, as bandas de Brasília estavam juntas com as estrangeiras. Legião, Plebe e Capital dividiam os sessenta minutos da fita magnética com

alguns dos grupos que reverenciávamos e estavam reinventando o rock naquele começo dos anos 80.

Para nós, aquilo fazia todo o sentido do mundo.

Quarenta e três anos depois, ainda tenho essa fita. O mundo mudou de suporte, mas este K7 ficou.

>>>

CENAS



Acervo pessoal



Acervo pessoal

A OUTRA FITA

Tenho outra K7 de 1983. Nesta não há Clash, Cure ou Gang of Four. Na etiqueta, “Legião Urbana”. Dentro dela, uma noite que eu vivi.

Em abril de 1983, fui à Temporada de Rock, no pequeno auditório da Associação Brasileira de Odontologia, na 616 Sul. Fui com um amigo cabeludo, Pepeu. Eu era mais fã da Plebe Rude e me lembro de assistir à Legião meio sem entender o que estava acontecendo.

Dado Villa-Lobos havia entrado na banda poucas semanas antes e fazia ali uma de suas primeiras apresentações com a Legião. Em determinado momento, sua guitarra deu pane. Foi quando percebi uma coisa que a primeira fita não podia mostrar: Renato dominava um palco.

Sem guitarra, ele não deixou o show morrer. Puxou “Adhan”, um mantra que trazia dos tempos do Aborto Elétrico, e começou a comandar aquela pequena plateia. Renato tinha uma empatia instantânea com o público.

O show foi gravado por Bebebe, um amigo que morreria poucos anos depois. Como naquelas ocasiões, a K7 foi distribuída aos amigos. Uma acabou comigo.

Décadas mais tarde, eu a digitalizei e montei um *bootleg*: ‘Legião Urbana — Ao Vivo na ABO, Abril 1983’. A gravação começou a circular. O show inteiro está no YouTube. Quarenta e três anos depois, dá para voltar àquela noite. Não só pela memória. Dá para ouvi-la (*clique abaixo, no botão*). >>>



OS PUNKS

também estão chegando. Eles vão abrir a temporada de rock

Começa a temporada de rock no teatro da ABO (916 Sul) e Brasília vai poder conhecer, reunidos no concerto de hoje à noite os seus grupos punks, formados em sua maioria por músicos nascidos na cidade: o “Plebe Rude”, “XXX”, “Legião Urbana” e “Capital Inicial”. Porque são “punks”? Eles mesmos respondem — fomos ensinados a consumir o que vem de fora e, se hoje somos o que somos, a culpa não é nossa. Toda nossa geração aprendeu a gostar dos Beatles, Stones, filmes americanos e coca-cola.

ELLUS Jeans etc. apresenta:
TEMPORADA DE
ROCK

com
PLEBE RUDE
CAPITAL INICIAL
XXX

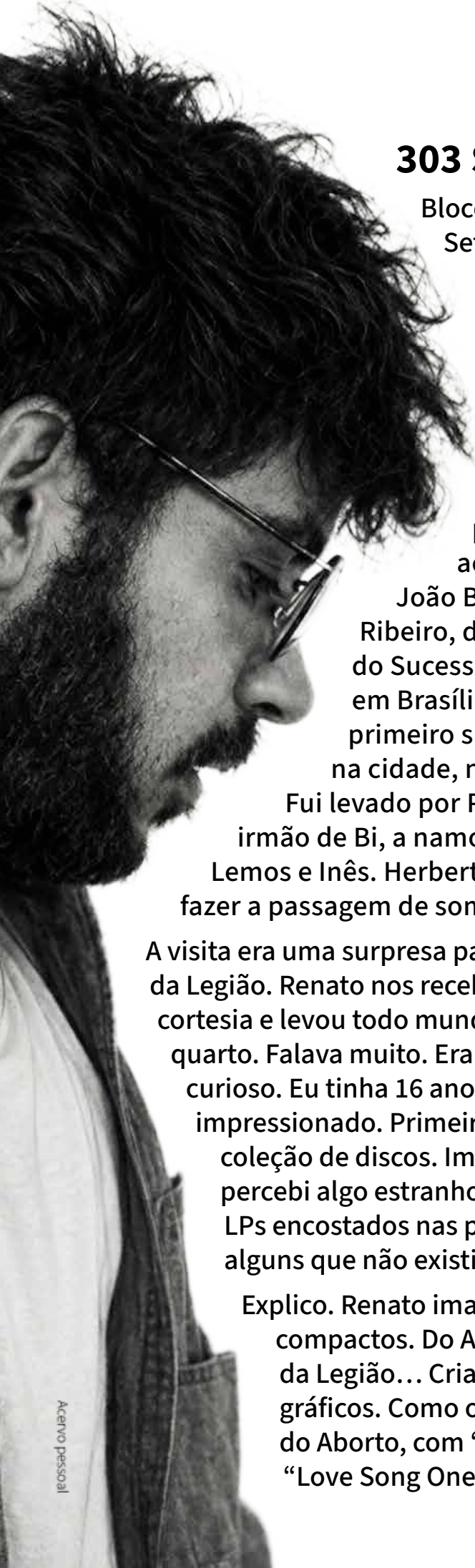
LEGIÃO URBANA
DIAS 22 - 23 - 24 - 29 E 30 ABRIL
e 1º de MAIO - às 21 horas

TEATRO DA A.B.O. L-2
 SUL
 Quadra 616

Divulgação Candango Promoções Artísticas



Marcus Ottony/CB



303 SUL

Bloco A. 16 horas.
Setembro de 1983.

Numa tarde
quente de
sábado,
encontrei
Renato Russo
pela primeira
vez fora dos
palcos. Eu
acompanhava

João Barone e Bi
Ribeiro, dos Paralamas
do Sucesso, que estavam
em Brasília para o
primeiro show da banda
na cidade, no Rockway 2.

Fui levado por Pedro Ribeiro,
irmão de Bi, a namorada dele, Fê
Lemos e Inês. Herbert ficara para
fazer a passagem de som.

A visita era uma surpresa para o vocalista
da Legião. Renato nos recebeu com
cortesia e levou todo mundo para o
quarto. Falava muito. Era articulado,
curioso. Eu tinha 16 anos e fiquei
impressionado. Primeiro, com a
coleção de discos. Imediatamente,
percebi algo estranho. Entre os
LPs encostados nas paredes, havia
alguns que não existiam.

Explico. Renato imaginava álbuns e
compactos. Do Aborto Elétrico,
da Legião... Criava projetos
gráficos. Como o do “compacto”
do Aborto, com “Hey! Menina” e
“Love Song One”.

>>>



Visão. Projeto de Renato para um compacto imaginário do Aborto Elétrico, com as canções "Hey! Menina" e "Love Song One"

Eu nunca tinha conhecido alguém assim, com tanta imaginação. A Legião não havia gravado um acetato, mas Renato parecia enxergar a obra inteira a construir. Nós víamos apenas uma banda.

Bi contou sobre as gravações de *Cinema Mudo*. Os Paralamas haviam gravado duas canções dele – “O que eu não disse” e... “Química”. Renato queria saber tudo. Principalmente do processo de gravação. Bi falava. E Renato ouvia, repetindo, entusiasmado:

— Muito bom... Muito bom...

Saímos de lá para o show. Mas, depois daquela visita, passei a prestar ainda mais atenção à Legião. O futuro ainda não tinha acontecido. Só que Renato parecia já ter começado a desenhá-lo. >>>

Reprodução





Um candidato muito tranquilo era Renato Manfredini, 17 anos, vestibulando de Comunicação. Eis a sua declaração: "Foram fáceis as provas de hoje, sabe? Eu estava bem preparado. A respeito da tua peralta sobre os conteúdos presentes nas provas de hoje, posso dizer o seguinte: em Português, o pessoal "caprichou" na parte de acentuação gráfica, ortografia e separação de sílabas. Em literatura, eu me surpreendi porque caiu uma só questão sobre a obra de José de Alencar, quando a gente esperava que caísse mais, pois esse é o ano do centenário de José de Alencar; existiram muitas questões examinando os conhecimentos do candidato a respeito dos estilos de época. A prova de Inglês apresentou um texto difícil sobre Voltaire: devido ao grande número de expressões idiomáticas, a tradução do texto - era o que eles pediam que fizéssemos - se tornou um pouco difícil".

ANTES DE RUSSO

Em 11 de janeiro de 1978, Renato Manfredini Júnior apareceu pela primeira vez nas páginas do *Correio Braziliense*. Tinha 17 anos e prestava vestibular para Comunicação na Universidade de Brasília.

Ainda não havia o Aborto Elétrico. Muito menos a Legião Urbana. Que dirá o artista Renato Russo.

Mas o jovem falou das provas, de português – da questão sobre José de Alencar – e de inglês. Parecia apenas mais um garoto de Brasília tentando decidir o que faria da vida.

Um ano depois, estava escrevendo uma carta que acabou sendo publicada pela revista *Melody Maker*.

We could be heroes . . . until Sid died

I COULDN'T believe it when a friend of mine told me and at first I just refused to believe it. I had to call my guitar teacher and ask if he had heard anything about it.

It happened on a Friday, but I only found out the news on Sunday night. Nothing ever hit me the way Sid's death hit me. I cried all night, it was like a kind of scream, painful, not only for Sid, but for everything. I lost complete control of myself. You know, nothing ever happens here, never. I always get the news two weeks late. Nothing new wave (or any other good thing that might be of interest) is ever released here, and I have to buy imports from Rio. Everything is disco, Travolta or samba. I think my father

When the punk thing was happening, me and my friends got into it because it was something. We were involved with music like it hadn't been since the Beatles and the Stones. It was different. Sid, John [Lydon] and the Clash, they were all heroes. They thought the same way we did; not even the Airplane had hit so close to me. It was kind of scary, it was like sharing something, not just being a stupid fan. I know what they say, that Sid couldn't really play and everything, but that isn't important. He died because of what he was. And like Brian [Jones], Jim [Morrison] and Gram [Parsons], people are only going to understand a few years from now. Some will forget, some won't, some already have, but

when a hero is for real (and I mean for real), he survives.

I guess somebody will laugh reading this. Maybe you'll laugh, you don't understand. You have everything right there — records, gigs, news. Here we have to wait, we get so little, and when something like this happens it hits twice as hard. Sid wasn't just a musician. He was a sign that things could be different, that you could live for what you believed, even if it destroyed you. I've grown a thousand years from '75 up to now. But I'm still 18 years old. I see things a bit differently today, and I hate that sometimes. But I'll get through it and I won't lose (or win) like Sid Vicious did. And I'll do it for him, because he did it for me.

Eric Russel,
Brasília, 1979.

BRASÍLIA, 1979

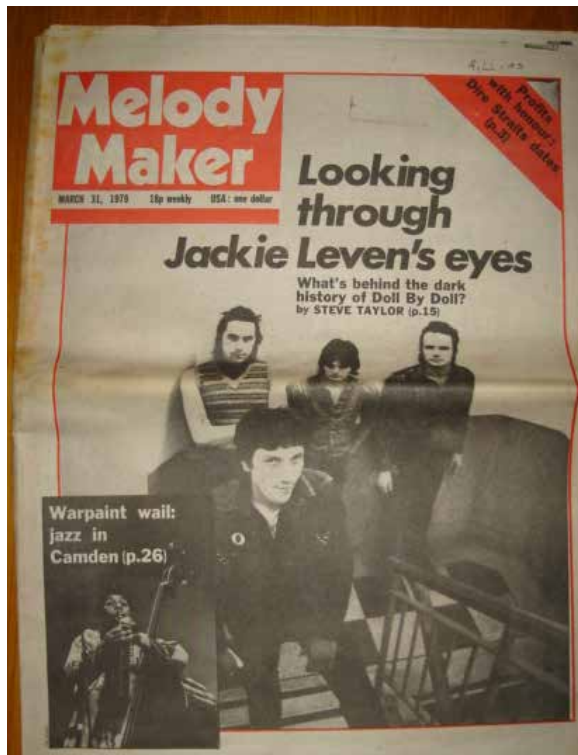
Renato Russo tinha 18 anos quando escreveu à revista inglesa *Melody Maker* sobre a morte de Sid Vicious. Assinou como *Eric Russel*.

A carta dizia muito mais do que o luto por um ídolo. Dizia como aquele garoto enxergava a cultura — e o lugar de Brasília dentro dela.

Sid, Clash, Beatles, Stones, Jefferson Airplane, Brian Jones, Jim Morrison, Gram Parsons. Renato absorvia referências, aproximava épocas, estabelecia relações. Música, para ele, não era apenas algo que se ouvia. Era uma maneira de compreender o mundo.

E havia uma queixa dele na carta que fala muito sobre como vi Brasília naquela época: “Nada acontece aqui, nunca.”

Quatro anos depois, ele estaria ajudando a provar exatamente o contrário. >>>



LEGIAO URBANA

O grupo foi formado por Marcelo Bonfá ^{BATERIA} (do "Dado e o Reino Animal"), Renato Russo (do "Aborto Elétrico") e Eduardo Parana ^{GUIARRA} (do "Boca Seca") em Julho de 82....

A primeira apresentação foi no festival "Rock no Parque" realizado em Patos de Minas.

Agora, chega a vez de Brasília; esta é a nossa 1ª apresentação aqui.

Achamos que o importante é falar de coisas que acontecem com a gente: escola, festas, cotidiano, como vemos o mundo e como o mundo nos vê.

~~chegou~~ chegou a hora do pessoal começar a se tocar; o importante é fazer o que você quer e ficar bem com ~~aqui~~ ~~que~~ todo mundo que quer se divertir.

↑
música
URBANA
LEGIAO
OINIA
VINCIT



Consagração. *Quatro anos depois de fundar a Legião, Renato chega ao palco mais importante de Brasília em dezembro de 1986*

NO TEMPLO

No dia 15 de dezembro de 1986, assisti a um show da Legião Urbana, junto com meu irmão. A banda já não era aquela que eu tinha visto diante de algumas dezenas de pessoas na ABO.

Depois daquele show, eu ainda os vi nos auditórios das escolas, como na Escola Parque e o Colégio Alvorada, e no circuito das satélites – Rolla Pedra e Cave. Tocavam onde fosse possível.

Agora, ocupavam o palco mais sagrado da cultura na capital: a Sala Villa-Lobos, do Teatro Nacional.

O disco *Dois* havia sido lançado em julho e transformara a Legião num fenômeno nacional em apenas seis meses, com direito a participação no programa *Chico & Caetano*, na TV Globo, e sendo elogiado por Caetano Veloso.

Aquilo tinha um significado especial para quem acompanhara algumas das bandas da cidade desde o começo dos anos 80. A Villa-Lobos era o palco dos grandes espetáculos, das orquestras sinfônicas, dos medalhões da MPB, das noites solenes do Teatro Nacional.

A Legião ocupara aquele lugar.

E eu percebi que alguma coisa extraordinária havia acontecido diante dos olhos da nossa turma de amigos. Brasília já não precisava pedir licença para ocupar o palco. E não era apenas o tamanho da plateia que havia mudado.

Mesmo antes, Renato já perseguia algumas das ideias que desembocariam em “Tempo Perdido”. Em “1977”, uma composição dos tempos do Aborto Elétrico, o rapaz acordava pensando no dia que passara, dizia ainda ter muito tempo e tentava vencer a própria indecisão. Era uma canção rápida, nervosa, quase uma descarga de ansiedade juvenil.

A inquietação já estava lá.

Mas a poesia ainda estava chegando.

Em “Tempo Perdido”, a canção que estava estourada em todo o país, Renato fez algo mais difícil. Em vez de explicar a angústia, encontrou imagens para ela. Tirou palavras, abriu espaços, deixou contradições respirarem.

O tempo deixou de ser apenas o problema de um rapaz tentando decidir o que fazer da vida e virou uma experiência que qualquer pessoa poderia reconhecer como sua.

Talvez por isso eu pudesse ouvir aquela música em 1986 emocionado, mas não embargado. Eu tinha 20 anos. E ainda acreditava, como a canção dizia, que tínhamos todo o tempo do mundo. >>>



11 DE OUTUBRO DE 1996

Dez anos depois daquela noite na Sala Villa-Lobos, Renato Russo morreu.

Tinha 36 anos.

A causa foi uma doença que carregava então não apenas a ameaça da morte, mas uma carga brutal de preconceito: a aids. Seis anos antes, ela havia levado Cazuza, aos 32. A epidemia atingiu uma geração inteira enquanto o medo, a desinformação e o estigma transformavam muitas vezes a própria doença numa espécie de condenação moral.

Renato preservou sua intimidade até o fim. E não trato disso aqui. O que me impressiona é outra coisa: a estupidez da perda.

Um poeta morreu aos 36 anos.

E há algo nessa conta que dá para perceber agora. Renato viveu apenas dez anos depois de *Dois*. Nós já vivemos outros trinta sem ele.

Quando eu tinha 20 anos, Renato me parecia um homem mais velho. Era apenas seis anos mais velho do que eu. Hoje, aos 59, os 36 anos que ele tinha me parecem uma idade obscenamente pequena para morrer.

Ele não viu a internet transformar a maneira como ouvimos música. Não viu suas canções atravessarem o fim do disco, o CD, o MP3 e chegarem ao *streaming*. Não viu garotos que nem eram nascidos quando ele morreu cantarem “Tempo Perdido”. Não viu Brasília mudar, o Teatro Nacional fechar e reabrir, nem a cidade transformar em patrimônio uma geração que começou tocando onde encontrasse uma tomada e algum espaço.

Não viu seus contemporâneos envelhecerem.

Não viu seus ouvintes terem filhos.

Não viu os nossos filhos descobrirem suas canções.

Renato não envelheceu com a obra que deixou.

Nós envelhecemos. ■



30 CANÇÕES

Uma playlist pelo universo musical de Renato Russo

Renato Russo ouvia música como quem montava um mapa do mundo. Pixinguinha podia conviver com Sex Pistols; João Bosco com Public Image Ltd.; Caetano Veloso com The Cure. Nas entrevistas, nas listas que fazia e nas fitas que circulavam entre os amigos em Brasília, aparecia um ouvinte voraz, curioso e sem muito respeito por fronteiras musicais.

Estas 30 canções tentam reconstruir um pouco desse universo. Algumas foram escolhidas pelo próprio Renato entre suas preferidas. Outras ele citou, elogiou ou chegou a tocar. Há ainda músicas de artistas e discos que fizeram parte de sua formação — e algumas que estavam nas fitas que circulavam por Brasília no começo dos anos 80.

Colocamos tudo em ordem cronológica, da gravação mais antiga à mais recente.

O resultado não é uma lista definitiva das músicas favoritas de Renato.

É outra coisa.

Uma fita de duas horas para ouvir o mundo que ele ouvia.

>>>

O som que fez a cabeça de Renato

1. **Trem das Onze** *Demônios da Garoa* (1964) ●
2. **Like a Rolling Stone** *Bob Dylan* (1965)
3. **Eleanor Rigby** *The Beatles* (1966)
4. **Disparada** *Jair Rodrigues* (1966) ●
5. **White Rabbit** *Jefferson Airplane* (1967)
6. **Pictures of a City** *King Crimson* (1970)
7. **Time and a Word** *Yes* (1970)
8. **Foi um Rio que Passou em Minha Vida** *Paulinho da Viola* (1970) ●
9. **A Felicidade** *Vinicius de Moraes, Maria Creuza e Toquinho* (1970) ●
10. **Famous Blue Raincoat** *Leonard Cohen* (1971)
11. **My Old Man** *Joni Mitchell* (1971)
12. **London, London** *Caetano Veloso* (1971)
13. **Carinhoso** *Pixinguinha* (1971) ●
14. **Atrás da Porta** *Elis Regina* (1972) ●
15. **Clube da Esquina nº 2** *Milton Nascimento* (1972)
16. **Pérola Negra** *Luiz Melodia* (1973) ●
17. **Juízo Final** *Nelson Cavaquinho* (1973)
18. **Fascinação** *Elis Regina* (1976) ●
19. **I Don't Care** *Ramones* (1977)
20. **Bodies** *Sex Pistols* (1977)
21. **Follow You Follow Me** *Genesis* (1978)
22. **Amor de Índio** *Beto Guedes* (1978)
23. **My Way** *Sid Vicious* (1978)
24. **O Bêbado e a Equilibrista** *João Bosco* (1979) ●
25. **Memories** *Public Image Ltd.* (1979)
26. **A Forest** *The Cure* (1980)
27. **Searching for the Night** *Young Marble Giants* (1980)
28. **Dear Prudence** *Siouxsie and the Banshees* (1983)
29. **O Quereres** *Caetano Veloso* (1984) ●
30. **A Cruz e a Espada** *RPM* (1985)



● = escolha expressa de Renato na lista da Bizz.



Ilha de concreto. No final da década de 1960, a 312 Norte surgia quase isolada na vastidão que ainda cercava o Plano Piloto

UM CASTELO DE SONHOS NO CERRADO

A SQN 312 se tornou no final dos anos 60 uma pequena Liverpool, onde jovens músicos e poetas tentavam encontrar a si mesmos em meio a uma cidade ainda inóspita, marcada pela terra vermelha e, depois, pelos coturnos de uma ditadura

POR JOSÉ ROMILDO



Tudo por começar. *O poeta Olímpio Jr. caminha pela calçada da 312 perto dos carros ainda sem grama e com terra vermelha*

No final dos anos 60, quando Brasília ainda era mais promessa do que cidade, a SQN 312 ergueu-se como um pequeno castelo de sonhos perdido no cerrado. Ao redor, havia apenas o silêncio das manhãs vermelhas de poeira, o cheiro agreste da terra úmida depois da chuva e uma vastidão que parecia não ter fim.

E foi nesse cenário quase lunar — ainda virgem, ainda cru — que um punhado de jovens começou a reinventar o mundo à sua maneira. Enquanto o país se afundava no torpor de uma ditadura que duraria 21 anos, eles ascendiam. Enquanto botas militares ecoavam pelo Planalto, ali ecoavam violões.

Enquanto o medo se espalhava pelo resto do país, na SQN 312 florescia uma ternura rebelde — música, poesia, teatro, encontros —, uma pequena Liverpool candanga, nascida em terreno baldio, sem pedir licença a ninguém.

>>>



Versos e melodias. *Os jovens Clodo e Olímpio se conheceram na 312 e começaram a esboçar as primeiras poesias e canções*

A quadra completou 59 anos em 2025 e já se prepara para celebrar seis décadas de vida. “Vamos trazer os Rolling Stones”, brinca o poeta Chico Lima. A piada funciona porque, no fundo, todos sabem: naquela quadra, tudo sempre pareceu possível.

Os dias em que tudo começava

O termo soft power costuma designar centros irradiadores de cultura — e raramente uma expressão coube tão bem quanto cabe à SQN 312. Desde cedo, a quadra foi uma nascente de valores, ideias, estilos de vida, jeitos de falar, cantar, declamar. Nada ali era programado. Tudo brotava espontaneamente — e com uma força espantosa.

Desse terreno fértil surgiram três artistas que, mais tarde, ganhariam projeção nacional: Clodomir Ferreira (Clodo), Zeca Bahia e Antônio Cleves Nunes. Os dois poetas nordestinos, um piauiense e outro baiano — o adolescente José era conhecido simplesmente como Zequinha — eram presenças garantidas em toda roda, encontro, festinha ou serenata improvisada. Suas trajetórias têm raízes profundas no chão batido da 312. >>>

A dinâmica era simples: Clodo e Zequinha compunham uma música. No dia seguinte, já havia plateia. E plateia exigente. Os adolescentes se sentavam nos bancos, nas calçadas, nos pilotis, e ouviam. Comentavam. Aplaudiam. Pedia-se “toca de novo”. Pedia-se “tem outra?”. E assim surgiam as canções. Uma atrás da outra. A quadra inteira funcionava como laboratório, estúdio, sala de ensaio, termômetro.

Já Cleves Nunes — guitarrista de talento singular — viveu apenas um ano na quadra, mas nesse curto período firmou-se no imaginário dos jovens do Bloco A e arredores. Clodo o admirava profundamente. E essa admiração se transformou, muitos anos depois, num daqueles momentos definitivos: uma apresentação conjunta na Sala Villa-Lobos. Ali, Cleves executou um solo arrebatador para “Revelação”, o hit eterno de Clodo e Clésio. >>>

Foto: Acervo pessoal/Olímpio Júnior



Juventude elétrica. Romildo e Olímpio foram descobrindo o que poderiam fazer na nova capital, ainda sem cultura e sem raízes



Forasteiros no cerrado. *No Bloco E da 312 Norte, os amigos Zeca Bahia e Olímpio curtiam os lançamentos em busca de sintonia*

A solidão que virou cultura

É quase inacreditável, visto de hoje, que jovens entre 12 e 17 anos tenham construído uma vida cultural tão intensa. Nada parecia favorecer aquilo. O entorno da quadra era apenas cerrado. Não havia padaria, comércio ou iluminação.

O pão chegava num triciclo ruidoso, anunciado por uma buzina feita de balão e trompeta. Aquele som matinal era, para muita gente, o sinal de que o dia podia enfim começar.

A dificuldade, porém, não produziu desânimo — produziu imaginação. Quem não era da música estava no teatro. Quem não era do teatro estava no esporte. Quem não era do esporte queria apenas socializar — brincar de finca, correr de rolimã, juntar amigos, organizar festinhas. Tudo virava pretexto para estarmos juntos.

E havia os domingos, em que nós, jovens de ânimo ensolarado, caminhávamos até a Água Mineral — oito quilômetros de mata adentro, sem estrada asfaltada. Os pés sujos de terra vermelha, as risadas ecoando entre árvores, a sensação de descobrir caminhos ao mesmo tempo físicos e afetivos.

>>>



Amizades e altos papos. *A turma foi se expandindo, as meninas passaram a participar das conversas e das tardes de diversão*

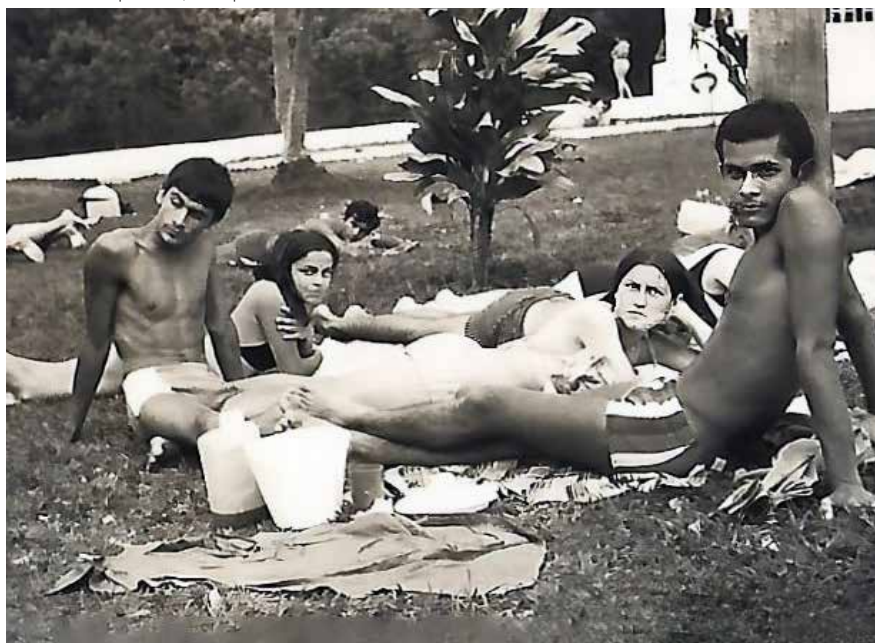
Entre as caminhantes estavam as meninas do Fasali — Fátima, Isabel e Lígia — divertidíssimas, criativas, fundamentais na engrenagem social da quadra. Mais tarde, com Cristina, irmã de Clodo, e Fani, esse trio de graciosas garotas se tornaria a TVV — Turma do Vai e Vem. Elas eram responsáveis por tardes de queimada, pequenas peças teatrais, brincadeiras elaboradas e, sobretudo, pelo espírito gregário que define a turma da 312 Norte até hoje.

O templo de cimento e a sala encantada

Em 1967, buscando um lugar para cantar à noite, nós escolhemos o passeio de cimento ao redor da casa de força da quadra. O espaço tinha uma vantagem: permitia cantarmos alto sem incomodar os vizinhos. Durante mais de um ano, aquele retângulo de cimento foi palco improvisado de encontros noturnos.

Quando a chuva e o frio chegaram, a turma migrou para uma sala ampla no Bloco D, usada pelo antigo DTUI. Ali, entre 1968 e 1970, germinou-se uma pequena revolução musical.

>>>



Lazer nos finais de semana. *Os adolescentes Olímpio e os irmãos Cristina e Clodo curtem o domingo na Água Mineral*

Além de Clodo e Zeca Bahia, estavam ali Paulo Afonso, Bruno, Luiz Alberto, Luiz Gonzaga, Maurício e outros tantos. O poeta Olímpio Júnior também frequentava a sala — e foi ali que nasceu “Suza, Suzana”, música minha, de Olímpio e Clodo, gravada pelos Matuskelos em 1972, precursor do rock brasileiro que explodiria anos mais tarde.

A partir de 1970, os encontros migraram para o apartamento de Heloísa, no Bloco D, que anos depois viria a se tornar mulher de Clodo. Ela morava com as irmãs Anita, Ângela, Norma e mais duas amigas.

O apartamento acabou se tornando um ponto de encontro para os jovens criativos daquele lado da 312.

Mas o auge veio em 1972 — ano em que a quadra inteira parece ter respirado música. Na casa da cantora Valéria, tudo acontecia. Ela recebia a turma nossa com café, lanches e uma generosidade



rara. Seu repertório vasto, sua voz firme e seu sorriso franco transformaram o apartamento num santuário cultural.

Clodo, Zeca Bahia, Olímpio Júnior, Alder Luna, Anita, Norma, Heloísa, Márcia Brandão, Ijalmar Nogueira, Pedro Helvécio — todos passavam por ali. Foi naquele lar que muitas das canções que marcariam as carreiras de Clodo e Zeca Bahia tomaram forma. Foi ali também que valores e amizades se consolidaram.

Foi ali que a 312 Norte se firmou, de vez, como um dos grandes berços culturais de Brasília — um castelo de sonhos erguido contra o silêncio da ditadura e alimentado pelo talento de uma geração inesquecível. ■

José Romildo é jornalista e ex-morador da 312 Norte.

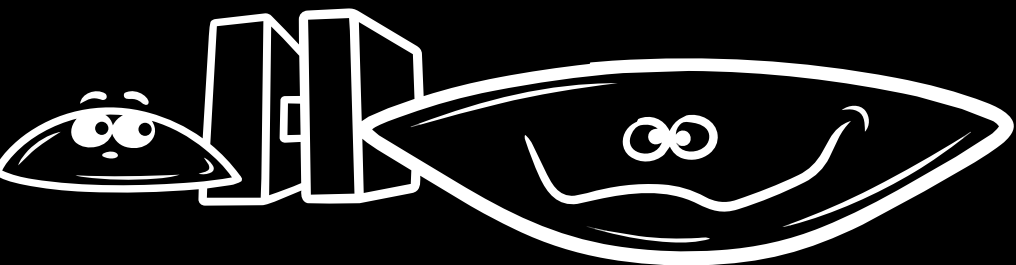
Foto: Acervo pessoal/Olímpio Júnior



‘LONDON CALLING’ BRASILEIRO?

Quatro garotos, mil ideias, acordes, barulho e um princípio: faça você mesmo. Um país convulsionado depois de 21 anos de ditadura e uma cidade fraturada pelas contradições de um projeto frustrado de civilização. Brasília é palco, retrato e gênese de um dos discos mais importantes do rock nacional: O Concreto Já Rachou, da Plebe Rude





POR OLÍMPIO CRUZ NETO

Em 1986, quando o rock de Brasília explodiu para o país, não havia quem não se emocionasse com as canções que jorravam das três bandas seminais da cidade. “Tempo Perdido” ganhava as rádios e “Música Urbana” começava a se espalhar quando “Até Quando Esperar” deu um tapa na cara da Nova República. “Com tanta riqueza por aí, onde é que está, cadê sua fração?”

O violoncelo de Jaques Morelenbaum fiscou a molecada. Aquele riff, hoje imediatamente reconhecível, nem sequer existia na abertura quando a canção foi gravada. Morelenbaum havia tocado a frase no meio da música, dobrando uma linha de baixo. Durante a mixagem, Herbert Vianna ouviu o canal isolado e teve a sacada: por que não começar por ali?

Hoje seria um copiar e colar. Na gravação analógica, foi preciso copiar o trecho para outra fita, cortá-la e colá-la fisicamente à master. Um dos começos mais icônicos do rock brasileiro nasceu literalmente de uma emenda. O disco seria lançado em fevereiro de 1986. >>>



Quatro rudes plebeus. *A banda formada em 1981 já era uma das mais influentes da cena brasileira antes do álbum de estreia*

Outra curiosidade. “Até Quando Esperar” não era a aposta da EMI. A gravadora escolhera “Minha Renda” como música de trabalho. Mas, numa época em que DJs e programadores ainda tinham autonomia, foi a canção que começou a tocar espontaneamente e atropelou o planejamento. Philippe Seabra e André Müller ainda moravam em Brasília e tiveram de correr ao Rio para gravar o videoclipe a ser exibido no *Fantástico*.

A canção abria “O Concreto Já Rachou”, um disco curto — sete músicas, pouco mais de vinte minutos —, mas desproporcionalmente grande naquilo que capturava. Brasília estava inteira: a capital recém-saída da ditadura, os funcionários públicos e seus filhos, a monumentalidade, o tédio, a polícia, a desigualdade e a promessa modernista envelhecendo antes da hora.

Estão lá “Até Quando Esperar”, “Proteção”, “Johnny Vai à Guerra (Outra vez)”, “Minha Renda”, “Sexo & Karatê”, “Seu Jogo” e “Brasília”. Sem exagero, “O Concreto Já Rachou” está para o rock brasileiro como “London Calling” está para o rock inglês. Não porque a Plebe Rude seja o Clash brasileiro. A comparação está na urgência e na capacidade de transformar cidade, crise e juventude em linguagem. >>>

Eu vi a Plebe tocar em 1982, no Festival Interno de Música do Marista, o FIMM, e fui arrebatado. A banda ainda tinha as “plebetes” Ana Galbinsky e Marta Brenner. Era intensa: guitarras fortes, cozinha precisa, as vozes femininas em contraste com o vocal seco de Ameba. Soava original. Havia uma personalidade autoral já muito clara.



Em 1983, a Plebe tocava onde era possível e acumulava repertório. As fitas cassete circulavam de mão em mão. Ainda guardo várias daquele período, entre elas “Sexo & Karatê” e “A Minha Renda”. As demos não eram necessariamente feitas para convencer gravadoras. Eram enviadas às rádios como a Atlântida, em Brasília; a Fluminense, no Rio; e a 89, em São Paulo. Quando a banda desceu para tocar no Circo Voador em 1984, viu gente cantando músicas que nunca haviam saído em disco.

“O Concreto Já Rachou”, portanto, não foi inventado no estúdio. Foi levado para o estúdio. Philippe, André, Jander e Gutje chegaram com as músicas amadurecidas por anos de ensaios e shows. Herbert fez o que um grande produtor faz: reconheceu o que havia ali, retirou excessos, acrescentou ideias e, sobretudo, não tentou transformar a Plebe em outra coisa. Philippe conta que entrou desconfiado, com medo de que a gravadora alterasse letras, harmonias e sonoridade. O produtor e líder dos Paralamas deu a ele uma garantia simples: o disco sairia com a cara da banda. E saiu. >>>

As vozes femininas.

Até 1983, a Plebe contava com duas vocalistas que ajudavam a dar personalidade à banda: Marta Brenner (acima) e Ana Galbinsky (abaixo)





A cavalo. O general Newton Cruz, comandante do Planalto, ordenou a repressão a manifestantes favoráveis às Diretas Já

Talvez nenhuma música mostre melhor de onde aquelas canções vinham do que “Proteção”. Philippe relembra que a composição nasceu depois de uma viagem de formatura a Cabo Frio, em abril de 1984. Na volta, o ônibus foi parado na entrada do Distrito Federal por forças de segurança. Brasília estava sob as medidas de emergência impostas durante a mobilização pelas Diretas, que seria derrotada pelo Congresso Nacional na noite de 25 de abril.

Eu também estava naquela Brasília. Na Esplanada dos Ministérios, na tarde do dia 24, vi o general Newton Cruz — sem parentesco, claro — lançar a cavalaria e mandar descer a bordoadada contra manifestantes que defendiam eleições diretas para presidente. Vi os cavalos avançarem sobre gente que pedia o direito de votar. Uma frustração que deixou a cidade engasgada.

Isso era Brasília. Não uma interpretação feita quarenta anos depois. Era o chão histórico de onde aquela canção saiu: coturnos, cassetetes e cavalos contra civis. “A PM na rua, nosso medo de viver”, cantaria a Plebe. A cidade monumental projetada como símbolo de uma democracia futura transformada em território de controle justamente quando seus habitantes exigiam democracia. >>>

Por isso Brasília não é só o cenário em “O Concreto Já Rachou”. É a personagem central. E o título do LP contém as várias cidades. O concreto da capital modernista que, pouco mais de vinte anos depois da inauguração, já apresentava rachaduras. O concreto político de um país que saía formalmente da ditadura carregando suas estruturas de autoridade e desigualdade. E o concreto cultural, rachado pelo inconformismo juvenil.

Em entrevista de 1986, a própria Plebe dizia que as bandas de Brasília tinham “rachado” o eixo Rio–São Paulo. A música brasileira ganhava um terceiro vértice. Claro, era uma baita pretensão daqueles jovens roqueiros. Só que estava acontecendo.

“Brasília”, a canção, aliás, quase não entrou no disco. O projeto da EMI previa seis faixas. Philippe insistiu para acrescentá-la porque era justamente dali que vinha o título do álbum. Herbert conseguiu encaixar a sétima. A música que fornecia a chave conceitual do disco fechou o lado B quase por insistência. Mas não por acaso.



Reprodução/Jornal do Brasil

Para sua repressão. *A ditadura baixou medidas de emergência para impedir manifestações e promoveu um cerco à capital*



Reprodução

É aqui que a comparação com “London Calling” deixa de ser apenas uma provocação. Não há equivalência sonora ou comercial. Há uma função histórica semelhante. Os dois discos nasceram do punk

e escaparam dele. O punk lhes deu permissão para existir, mas não determinou até onde poderiam ir. O Clash transformou uma Inglaterra em crise em música capaz de ultrapassar Londres. A Plebe fez algo semelhante com Brasília — e, ao falar obsessivamente da cidade natal, acabou falando do Brasil.

E havia ainda uma diferença importante em relação ao discurso. A Plebe era menos panfletária. Preferia imagem a palavra de ordem. Em “Brasília”, “carros pretos nos colégios” diz mais sobre privilégio do que um refrão contra o poder. Em “Johnny...”, política era o conflito interno de alguém atravessando outra noite. Em “Minha Renda”, uma banda ainda sem contrato imaginava com ironia o que aconteceria se a indústria tentasse transformá-la em produto — e acabou lançando a música pela gravadora dos Beatles.

Quarenta anos depois, a nova edição do álbum devolve parte desse passado ao disco. O LP reaparece acompanhado de um compacto com demos de “Proteção”, “Johnny Vai à Guerra”, “Sexo & Karatê” e “Minha Renda”. É possível ouvir o objeto acabado ao lado daquilo que ele ainda estava se tornando. Um grande disco não precisa prever o futuro. Precisa registrar seu presente com tanta precisão que, décadas depois, outras gerações ainda consigam reconhecer nele suas próprias fissuras.

O concreto rachou. Mas a obra-prima permanece. Tem história. E tem dimensão histórica. ■



O RIFF QUE NÃO ESTAVA LÁ

O violoncelo que abre “Até Quando Esperar” não estava ali quando a Plebe Rude gravou a canção. Jaques Morelenbaum havia registrado a frase no meio da música, dobrando uma linha de baixo. Foi durante a mixagem que Herbert Vianna ouviu o canal isolado e percebeu que aquele pequeno trecho poderia mudar tudo.

1. **JAQUES GRAVA.** Morelenbaum registra o violoncelo no meio da canção.
2. **HERBERT ESCUTA.** Ao ouvir a faixa isolada, o produtor imagina a frase como introdução.
3. **A FITA É COPIADA.** Era 1985. Não existia copiar e colar digital. O trecho precisava ser transferido para outra fita.
4. **TESOURA E COLA.** A frase é cortada fisicamente e inserida na fita master.
5. **NASCE O RIFF.** O que era um detalhe do arranjo se transforma na assinatura de “Até Quando Esperar” — e numa das introduções mais reconhecíveis do rock brasileiro.

A gravação de *O Concreto Já Rachou* foi feita em 16 pistas. A mixagem era manual: entradas, volumes e efeitos exigiam atenção em tempo real.

**Fita analógica. Tesoura. Emenda.
Sem Ctrl+C. Sem Ctrl+V.**

HISTÓRIA

O DIA EM QUE BRASÍLIA RACHOU

Em 1986, na ressaca do Plano Cruzado e da vitória esmagadora do PMDB, uma manifestação contra o governo Sarney terminou em repressão, carros incendiados e uma pergunta que permanece sem resposta até os dias de hoje: quem transformou o centro de Brasília em praça de guerra?

POR OLÍMPIO CRUZ NETO

Em 27 de novembro de 1986, uma manifestação contra o pacote econômico do governo Sarney terminou com carros incendiados, repressão policial e o centro da capital transformado em praça de guerra. Nos bastidores, documentos e testemunhos alimentariam uma suspeita perturbadora: provocadores ligados aos aparelhos de segurança do Estado teriam ajudado a transformar o protesto em baderna.

Às 18h45 de 27 de novembro de 1986, cerca de vinte pessoas interceptaram um micro-ônibus do Exército na entrada do Touring Clube do Brasil, ao lado da Rodoviária do Plano Piloto. O veículo foi depredado e incendiado. Pouco depois, outros carros começaram a arder. Viaturas policiais, ônibus e veículos públicos foram destruídos. No Setor Comercial Sul, vitrines eram quebradas. A polícia avançava sobre os manifestantes. Jornalistas tentavam registrar o tumulto — alguns tiveram suas câmeras tomadas ou destruídas.

Brasília virou palco de uma batalha campal.

>>>

Horas antes, cerca de 10 mil trabalhadores, estudantes e militantes haviam ocupado o centro da capital para protestar contra o Cruzado 2, pacote econômico anunciado pelo presidente José Sarney poucos dias depois de o PMDB obter uma vitória esmagadora nas eleições. A manifestação começara como um dos maiores atos políticos realizados na cidade desde o fim da ditadura. Terminaria incorporada à história de Brasília por outro nome: Badernaço.

A coincidência era quase perfeita demais para ter sido inventada. Naquele mesmo 1986, quatro rapazes da cidade haviam lançado “O Concreto Já Rachou”. A Plebe Rude cantava uma Brasília monumental e autoritária, habitada por jovens espremidos entre o tédio, a polícia, o poder e as promessas de uma capital que envelhecera precocemente. Meses depois, a rachadura estava nas ruas. >>>

Arquivo/CB



‘Isca?’ As viaturas policiais – as famosas ‘Veraneios Vascaínas’ – foram deixadas na Rodoviária sem qualquer tipo de vigilância



Protestos. Os partidos de esquerda e os sindicatos convocaram a manifestação em protesto contra as medidas do Plano Cruzado 2

DEMOCRACIA VIGIADA

Brasília vivia um momento peculiar. A capital acabara de conquistar representação política própria e elegera pela primeira vez três senadores e oito deputados federais. Sindicatos, estudantes e partidos ocupavam espaços antes interditados pela ditadura. CUT e CGT organizavam trabalhadores. PT, PCB, PCdoB, MR8 e PDT participavam abertamente das mobilizações. Na Universidade de Brasília, o movimento estudantil voltava a ocupar as ruas.

Mas a Nova República carregava dentro dela parte da máquina do regime que deveria ter deixado para trás. O Serviço Nacional de Informações continuava funcionando. Dias antes da manifestação, a Plenária Intersindical reunira mais de uma centena de sindicalistas, estudantes, militantes e políticos no Sindicato dos Bancários. Entre eles estavam parlamentares recém-eleitos. Enquanto os participantes discutiam como reagir ao Cruzado 2, agentes da comunidade de informações acompanhavam a movimentação e registravam nomes. >>>

O estopim havia sido aceso pelo próprio governo. Depois de meses sustentando artificialmente o Plano Cruzado e vendo o PMDB vencer as eleições em praticamente todo o país, Sarney anunciou um novo pacote. Vieram aumentos de tarifas públicas e impostos e mudanças no cálculo da inflação. Para boa parte da oposição, o Cruzado 2 pareceu confirmar um enorme estelionato eleitoral. A resposta foi para a rua.

DA ESPLANADA AO FOGO

A concentração começou na Rodoviária. Por volta das 13h, segundo um informe produzido pela Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal e incorporado aos arquivos do SNI, aproximadamente 6 mil pessoas já estavam no local. Outro grupo, vindo pelo Eixo Rodoviário Sul, elevou a multidão para perto de 10 mil. A polícia tentou impedir a passagem para a Esplanada. Não conseguiu.

Os manifestantes avançaram até o Congresso Nacional. Houve confrontos nas proximidades da Praça dos Três Poderes. Às 15h20, dirigentes sindicais discursavam de duas kombis equipadas com alto-falantes. Às 16h30, a passeata seguiu para o Ministério da Fazenda, principal alvo dos protestos. Uma comissão tentou ser recebida pelo ministro Dilson Funaro. Não foi. Às 17h15, a Polícia Militar dispersou a concentração.

A partir daí, a história muda de natureza. Às 18h45, o micro-ônibus do Exército foi incendiado perto da Rodoviária. Um grupo maior começou a destruir veículos públicos. Pelo menos 26 viaturas da Polícia Civil foram queimadas, além de veículos do Governo do Distrito Federal, ônibus e outros bens públicos. Houve depredações no centro comercial e saque a um supermercado. Às 19h45, a PM ocupou a Rodoviária. Às 20h15, novos atos de vandalismo eram registrados no Setor Comercial Sul.

A manifestação política havia desaparecido sob as imagens do fogo que lambiam ônibus e os carros da polícia.

>>>



QUEM QUEBROU BRASÍLIA?

Uma pergunta começaria a perseguir aquele 27 de novembro: quem eram os homens que comandaram parte da destruição? Testemunhas chamaram atenção para grupos que não reconheciam entre os militantes habituais de Brasília. Antenor Gentil Júnior, veterano dirigente sindical e agitador cultural, descreveu posteriormente à comissão criada pelo governo do Distrito Federal jovens de menos de 30 anos, atléticos, bem vestidos e com cabelos cuidadosamente cortados. Segundo ele, provocavam confrontos perto dos policiais sem serem molestados.

Outra circunstância despertou suspeitas. Viaturas policiais haviam sido deixadas agrupadas e aparentemente sem vigilância nas proximidades da Rodoviária. Quando começaram a arder, jornalistas que tentavam fotografar a violência foram agredidos e tiveram equipamentos tomados ou destruídos.

>>>

Reprodução/Arquivo SNI/Arquivo CENAS



CORPO DE BOMBEIROS DO DISTRITO FEDERAL

DIRETORIA DE SERVIÇOS TÉCNICOS

SEÇÃO DE PERÍCIAS - (DST/2)

LAUDO DE EXAME EM LOCAL DE INCÊNDIO

(MODELO - III) (1)

Folha N.º 223

Processo N.º 030013953/86

Publica [assinatura]

N.º 308/86

Aos vinte e sete dias do mês de novembro, do ano de mil novecentos e oitenta e seis, neste Distrito Federal, na conformidade do publicado na primeira parte do Boletim Geral número duzentos e vinte e quatro, de mesma data, e de acordo com a legislação e instruções vigentes sobre perícia de incêndio, foram designados os Peritos Cap. BM Benjamin Ferreira Bispo e 1º Ten. BM Adiwton Jesus de Souza

para procederem a um exame no local do incêndio ocorrido às 18:00 horas do dia 27 de novembro de 1986, na(o) Estação Rodoviária de Brasília

jurisdição da 1ª Delegacia Policial, atendendo solicitação da autoridade competente, descrevendo, com verdade e com todas as circunstâncias, o que encontraram, e bem assim esclarecendo as causas do referido evento e tudo o mais que interessar possa, tendo iniciado os trabalhos periciais às 09:30 horas de 28/11/1986. O evento em questão envolveu bens de interesse _____

cujo exame pericial foi solicitado pelo Supervisor de Dia do CBDF.

DEU NO NYTIMES

Dois dias depois dos confrontos, o jornal americano levou a crise brasileira à primeira página. Para o correspondente, as imagens de policiais atacando manifestantes, carros incendiados e saques mostravam o momento mais difícil de José Sarney desde que assumira a Presidência.



Reprodução/Arquivo NYT

Em 29 de novembro de 1986, o diário New York Times apresentou a seus leitores uma Nova República subitamente em crise. Apenas duas semanas depois de o PMDB conquistar uma vitória esmagadora nas eleições, o presidente José Sarney tornara-se alvo de uma forte onda de críticas provocada pelo pacote econômico anunciado seis dias depois da votação.

O principal jornal americano descreveu os confrontos ocorridos em Brasília como os primeiros protestos violentos contra o governo desde o fim da ditadura militar. Policiais fortemente armados haviam enfrentado milhares de trabalhadores e estudantes na Esplanada, usando cassetetes e bombas de gás lacrimogêneo.

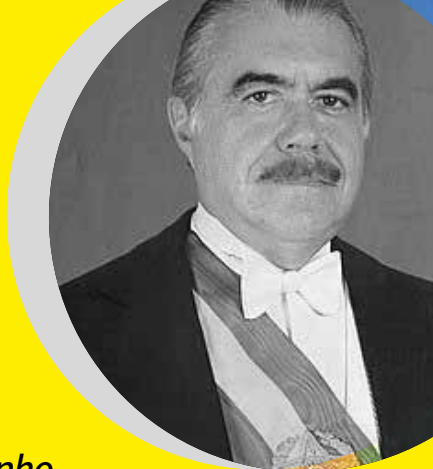
Mas eram sobretudo as imagens que pareciam ter atravessado as fronteiras. Fotografias e cenas de televisão mostrando policiais atacando manifestantes, carros da polícia em chamas e saques, escreveu o jornal, haviam abalado um país ainda pouco acostumado à violência política da recém-inaugurada democracia.

Na imprensa internacional, o Badernaço deixava de ser apenas uma crise de Brasília.

Tornava-se uma crise da Nova República.

>>>

O GOVERNO GANHOU A BATALHA?



Reprodução/Arquivo EBC

A repercussão internacional não se limitava às cenas de violência. O New York Times percebeu imediatamente o tamanho da rachadura política aberta pelo Cruzado 2.

O ministro da Fazenda, Dilson Funaro, havia oferecido sua demissão — recusada por Sarney. Integrantes do próprio PMDB criticavam as medidas. CUT e CGT discutiam uma greve geral. E comentaristas citados pelo jornal consideravam aquele o momento mais difícil do presidente desde sua posse, em março de 1985.

Sarney foi ao rádio defender o pacote e afirmar que o governo respeitava as manifestações de divergência, embora não tolerasse abusos. O problema era que as imagens de Brasília já haviam adquirido vida própria.

O Times registrou até uma manchete publicada por O Estado de S. Paulo depois dos confrontos: “The Government Wins the Battle of Brasilia” (Traduzindo: “O governo vence a batalha de Brasília.”)

E o restante da reportagem mostra algo ainda mais interessante: eleitores telefonavam à Justiça Eleitoral perguntando se poderiam mudar o voto; adesivos começavam a aparecer nos carros dizendo que o proprietário não havia votado no PMDB; e o desgaste ressuscitava politicamente o já ex-governador do Rio de Janeiro, inimigo público nº 1 dos generais desde antes do Golpe Militar: Leonel Brizola. Duas semanas antes, o velho herdeiro do trabalhismo de Getúlio Vargas parecia ter saído derrotado das urnas.

Em apenas quatorze dias, o PMDB passara da maior vitória eleitoral de sua história para uma crise que ocupava a capa do mais influente jornal do Ocidente. Brasília havia rachado — e o mundo percebera. ■

ROCK Brasília



Reprodução/Arquivo CENAS



A história do álbum que mostrou ao país a nova leva de bandas de Brasília num disco gravado ao vivo no Circus Show, ao lado da Catedral, semanas depois do Badernaço. Um disco que mostrou a cena candanga como o berço da ‘capital do rock brasileiro’

“O rock brasiliense está em alta”. Era 8 de dezembro de 1986. Na capa do *Correio Braziliense*, uma pequena chamada anunciava o resultado de três noites de música. O Festival Rock Brasília terminara na véspera com dez bandas selecionadas e uma promessa: em poucos meses, elas chegariam juntas ao mercado nacional num LP da WEA.

Brasília vivia uma contradição curiosa. Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial já haviam transformado a cidade em uma das capitais do novo rock brasileiro. Mas, enquanto o país aprendia a associar Brasília a meia dúzia de nomes, dezenas de outras bandas ensaiavam, faziam shows e circulavam fitas pela cidade. Em um determinado momento, a cidade já tinha mais de uma centena de grupos de rock.

Jurado do festival, o produtor Pena Schmidt não vendia ilusões. Ele era parceiro do lendário produtor Liminha, que já carregava *Selvagem?!*, dos Paralamas no currículo e trazia a aura de midas e lenda do rock nacional como baixista dos Mutantes. Pena via os grupos brasilienses ainda em estágio inicial, que precisavam ser “burilados”. Mas reconhecia no que ouvira durante o festival “um retrato fiel do atual estágio do rock de Brasília”.

O retrato seria prensado em vinil.

Chamava-se *Rock Brasília Explode Brasil*.

>>>



Reprodução/Arquivo CENAS

O disco nasceu no palco. Durante três noites de dezembro de 1986, dez bandas escolhidas pelo Festival Rock Brasília foram registradas ao vivo no Circus Show. Uma unidade móvel chamada Nas Neblinas captou as apresentações. Ricardo Garcia comandou a gravação, Arthur Bello foi o assistente e a direção artística ficou a cargo de Liminha.

Depois, as fitas seguiram para São Paulo, onde foram mixadas nos estúdios RAC-S. A produção do festival e a capa ficaram com a Artway. A ficha técnica fazia questão de registrar uma característica que, quatro décadas depois, ajuda a entender tanto as virtudes quanto as limitações do LP: GRAVADO AO VIVO. E SEM RETOQUES.

Não eram dez bandas entrando separadamente num estúdio para fabricar seus melhores *singles*. O que ficou no vinil foi um flagrante: grupos em diferentes estágios de maturidade, submetidos às mesmas condições de palco, tentando mostrar em poucos minutos quem eram. A irregularidade faz parte do documento.

O álbum seria lançado em fevereiro de 1987. >>>



Reprodução/Arquivo CENAS

Manto

A TERCEIRA GERAÇÃO

Quatro meses depois, o *Correio Braziliense* encontrou a expressão acima para aqueles músicos. A genealogia fazia sentido naquele instante. Antes, grupos como a Tellah, Mel da Terra, Pôr do Sol e Liga Tripa haviam ajudado a abrir espaços para o rock produzido na cidade.

Depois, Legião, Plebe e Capital romperam as fronteiras do DF e chegaram ao mercado nacional. Mas a história era menos linear do que a expressão sugeria. A cena brasiliense acumulava camadas desde os anos 60 e 70 — e vários daqueles músicos carregavam experiências anteriores.

Daí que, naquele ano de 1986, havia muitas bandas. O disco era só uma prévia do que rolava na capital. Ali estavam W-3, Pânico, Marciano Sodomita, Habeas Corpus, 5 Gerais, Beta Pictoris, Elite Sofisticada, Manto, Os Culpados e Artigo 153.

Não formavam um movimento esteticamente uniforme. Havia pós-punk, pop, hard rock, experimentação e músicos vindos de outras gerações da cidade. Talvez seja justamente por isso que *Rock Brasília Explode Brasil* permaneça interessante. Registra que o rock de Brasília era muito maior que a cena que chegou ao resto do país.

>>>

Beta Pictoris era uma boa demonstração de que aquela geração não começara em 1986. Formada em 1985, a banda reunia Tadeu, Cláudio Felício, Edson Souza, Pedro Jorge e Filipe Guedes.

E alguns deles carregavam consigo capítulos anteriores da cena brasiliense. Cláudio havia tocado no Tellah, uma das bandas seminais do rock da cidade nos anos 70. Tadeu vinha do Nirvana, outra clássica formação brasiliense, famosa antes mesmo do nascimento do grupo de Kurt Cobain, em Seattle, nos Estados Unidos.

A imprensa da época encontrava na Beta influências que iam de progressivo e hard rock ao jazz fusion e à MPB. No LP, a banda entrou com “Volta Pra Mim”, baladona na voz marcante de Tadeu, que também era compositor.

A música nem precisou esperar o disco. Dias antes do lançamento oficial, o *Correio* registrava que a demo já circulava pela programação da Atlântida FM. Era assim que a cena funcionava: músicas viajavam em fitas, shows e mãos de amigos antes que a indústria as alcançasse.

Daí que podemos dizer que ali não era uma ‘terceira geração’. Era gente demais para essa classificação por demais redutora.

>>>

Beta Pictoris

Reprodução/Arquivo CENAS



**Elite Sofisticada**

DA PLEBE À ELITE

A cena era deliciosamente autorreferente. Pois, para além da Plebe Rude havia a Elite Sofisticada. No *LP*, surgem com “Tudo Mal”, uma das canções que melhor resistem à passagem do tempo. O nome parecia uma provocação perfeita para uma cidade que acabara de apresentar sua Plebe ao país. Mas a Elite tinha história e personalidade próprias.

E trazia dentro dela uma pequena genealogia do rock brasileiro. O baterista Rogério Lopes é irmão de Loro Jones, então no Capital Inicial, e de Geruza, da Escola de Escândalo. Três irmãos, três bandas diferentes da mesma cena. E a canção era de autoria de Loro e Rogério, e por isso foi parar naquele mesmo ano no disco do Capital.

Já o Manto entrou no LP com “Velhas Caras” e revelava outro cruzamento. Na cobertura do festival, o *Correio* foi econômico ao descrevê-lo: “Manto: instrumental forte”. Os músicos Paulo Torres e Marco Guedes já haviam integrado, respectivamente, o Mel da Terra e o Pôr do Sol, duas outras bandas fundamentais da cena brasileira dos anos 80.

A coletânea começava a parecer menos um catálogo de novidades do que um mapa de conexões. Músicos mudavam de grupos, irmãos formavam bandas diferentes, experiências anteriores reapareciam sob outros nomes.

A chamada “terceira geração” talvez não tratasse realmente de uma geração. Era da cena. >>>

DO PÂNICO AO ESTÚDIO

Entre as dez bandas da coletânea da Warner ainda estava o Pânico, um dos grupos elogiados pelo júri durante o festival. Dois de seus integrantes ajudam a desmontar qualquer ideia de que aquela fosse simplesmente uma geração nova entrando em cena.

O vocalista Rodrigo Leitão, jornalista, vinha do Finis Africae, banda da qual era um dos fundadores e que já havia estreado em disco. Em 1985, o Finis participou de *Rumores*, coletânea lançada de maneira independente pelo Sebo do Disco e um dos registros fundamentais daquela Brasília subterrânea que crescia à margem das grandes gravadoras.

Nos teclados do Pânico estava Álvaro Alencar. Para ele, a banda seria também uma escola. O músico atravessaria o palco para construir uma longa carreira do outro lado do vidro, tornando-se engenheiro de som e produtor musical e trabalhando, entre outros, ao lado do sócio Tom Capone.

Quarenta anos depois daquele festival, um desses fios voltaria ao ponto de partida. Álvaro conduziu em 2026 a regravação de “Até Quando Esperar”. No estúdio, junto com a Plebe, Herbert Vianna e Jaques Morelenbaum, personagens da gravação original de *O Concreto Já Rachou*.

O tecladista reencontrava a onda da banda que, em 1986, parecia pertencer à geração anterior. Talvez aí esteja a falha — e a beleza — de tentar organizar o rock de Brasília em gerações. As bandas mudavam. Os músicos circulavam. Mas a cena permanecia. ■



Pânico

Reprodução/Arquivo CENAS

GDF/SEC. CULTURA FC-DF. APRESENTA ROCK BRASÍLIA

EXPLODE BRASIL

DIA: 21

NA RAMPA DO CONGRESSO

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL:
PLEBERUDE - CAPITAL INICIAL

CAIXA ECONÔMICA
FEDERAL

PROMOÇÃO

REDE BANDEIRANTE TV E
RÁDIO TRANSAMÉRICA FM

REALIZAÇÃO

ARTWAY

Arquivo/CB

Bandas da 3ª geração lançam elepê

A primeira geração é sucesso nacional. Já há algum tempo, as bandas Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial ocupam a liderança no Rock Brasil. Finis Africac e Detrito Federal, que vieram em seguida, começam sua escalada rumo à fama, gravando e lançando elepês por poderosas multinacionais do disco.

Chegou a vez, agora, da terceira geração, representada por 10 bandas que ingressam no mercado fonográfico através de um elepê-coletânea, o Rock Brasília — Explode Brasil, produzido pela WEA/ArtWay, que será lançado em meio a um superconcerto marcado para hoje, a partir das 19 horas, em frente ao Congresso Nacional.

Participam do Rock Brasília — Explode Brasil as bandas, Os Culpados, Habebas Corpus, W3, O Manto, Pânico, Artigo 153, Beta Pictoris, Marciano Sodomita, Elite Sofisticada e 5 Generais. Elas foram selecionadas durante um festival realizado em dezembro último no Circus Show, por um júri que tinha a integração de críticos e jornalistas, representantes dos mais importantes órgãos da imprensa brasileira.

AS BANDAS

OS CULPADOS — Participando do Rock Brasília — Explode Brasil, com a música Razões, Os Culpados são uma

do W3 para o Rock Brasília — Explode Brasil.

O MANTO — Há um ano circulando nas duas asas de Brasília e nas cidades-satélites, com 17 aparições em público, a banda Manto vem com toda garra. Quatro excelentes instrumentistas, Martins (teclado), Bigeli (guitarra), Duda (baixo) e Marquinhos (bateria) e um vocalista, Muca, com muita experiência de palco, formam o Manto. Seguindo a linha soft-metal, o grupo busca criar

ra. O Pânico saiu da confluência das várias estradas percorridas por seus integrantes. Obteve aplausos unânimes e declarações de críticos de importantes publicações, presentes ao I Festival Eletrônico de Rock, idealizado pela ArtWay. O Pânico traz um som soft, emboldo pela leveza característica da personalidade de cada um dos seus componentes: Rodrigo (vocal), Bernardo Veloso (baixo), Bernardo Palmeiro (guitarra), Alexandre (guitarra), Beto (te-

153 e o rock explosivo de uma banda criada há dois anos. Crença ou ironia, a banda nasceu da necessidade de contrastar a não-aplicação por parte da sociedade, das garantias retidas no artigo e, particularmente, da luta empreendida pelos componentes do grupo na conquista de espaços para apresentar seu trabalho. Sem ficar preso em modulações do funk, pop-punk, rock progressivo, new-wave, ou new-qualquer-coisa, o Artigo 153 quer e compor músicas numa linguagem cada vez mais próxima a universal. Nêlo (bateria), Edvaldo (baixo), Marco (guitarra) e Marco (vocal), o pessoal do Artigo, empacou no elepê Rock Brasília — Explode Brasil com a música Seja Normal. É um exemplo do mergulho da banda nas experiências e nos momentos políticos poéticos, traduzindo na vibração do rock a sua mensagem para os jovens.

BETA PICTORIS — Banda integrada por Pedro Jorge (teclados/guitarra/vocal), Claudio Frício (guitarra), Edson Souza (baixo), Felipe Guedes (bateria) e Tadeu Carvalho (vocal/guitarra), a Beta Pictoris surgiu em 1984, resultado da junção de músicos que faziam parte dos grupos Tema Livre e Telah, desenvolvendo um trabalho que tem como figura o rock inglês dos anos 70. Com uma atuação constante, desde sua fundação, o Beta tem parti-



Pânico



Marciano Sodomita



O QUE SOBROU DA EXPLOÇÃO

Ouvir Rock Brasília... quase quarenta anos depois não exige transformá-lo numa obra-prima perdida. É um pau de sebo. Algumas músicas ficaram presas ao tempo. Outras revelam bandas que ainda procuravam uma identidade. O próprio Pena Schmidt já percebera isso em 1986 ao falar de grupos que precisavam ser burilados.

Mas há momentos que continuam funcionando muito bem. “A Carta”, da banda W-3, é um deles. “Volta Pra Mim”, da Beta Pictoris, outro. E ainda tem “Pássaros Negros”, dos 5 Generais, que preserva algo particularmente forte daquela Brasília sombria da segunda metade da década.

Nas fotos, os 5 Generais parecem pertencer exatamente ao universo que sua música sugere: roupas escuras, palco nu... Austeridade distante da euforia do pop colorido nacional.

E havia ainda a W3, outra banda com veteranos da cena roqueira. O guitarrista Luiz Carlos ‘Dentinho’ vinha do Pôr do Sol.

Dá para ver que os músicos transitavam. Não era uma Brasília tentando repetir as três bandas que deixaram a capital e estavam fazendo sucesso. Eram estrelas de outra constelação da cidade que tentavam brilhar. ■

Reprodução/Arquivo CENAS

5 Generais



ROCK BRASILIA EXPLODE BRASIL

LADO A

1. A Carta — W-3
2. Máscaras — Pânico
3. História — Marciano Sodomita
4. E O Tempo — Habeas Corpus
5. Pássaros Negros — 5 Gerais

LADO B

1. Volta Pra Mim — Beta Pictoris
2. Tudo Mal — Elite Sofisticada
3. Velhas Caras — Manto
4. Razões — Os Culpados
5. Seja Normal — Artigo 153

Elite Sofisticada

OS CULPADOS

PÂNICO

W3

ARTIGO
153

BETA PICTORIS

MANTO

5
GERAIS

MARCIANO
SODOMITA

HABEAS
CORPUS



OUÇA

ROCK BRASÍLIA EXPLODE BRASIL
ÁLBUM COMPLETO

▶ ASSISTA

FESTIVAL ROCK BRASÍLIA
Circus Show
Dezembro de 1986

ANATA

CENAS

**Uma das
bandas
pioneiras
da cena
setentista da
capital durou
pouco, mas
fez história**

Em dezembro de 1976, o *Correio Braziliense* anunciou um show de uma banda que tentava encontrar seu lugar numa cidade onde fazer rock ainda era uma espécie de exercício de teimosia. Chamava-se A Nata.

O jornal apresentava quatro músicos de formações diferentes, reunidos havia quase um ano.

Rogerinho na bateria, Cleves na guitarra, Humberto no baixo e Shorty nos vocais. A ambição era grande: trabalhar “dentro das características universais do rock”, acrescentando ao som “certos acentos particulares da música brasileira”.

Depois de muitos ensaios, idas e vindas e, segundo a reportagem, “trabalho duro e vontade”, o grupo finalmente se preparava para uma sequência de apresentações pela cidade.

Dois shows foram marcados para o Teatro da Escola Parque. O ingresso custava 20 cruzeiros.

Pode parecer pouco. Mas não era. Brasília tinha apenas 16 anos e sua cena musical ainda procurava lugares onde existir. Havia o Clube do Choro, compositores, músicos experimentais, gente fazendo samba, música instrumental e canção. O rock também estava ali — ainda sem a mitologia que a década seguinte construiria em torno da cidade.

No balanço musical de 1976, o mesmo *Correio* foi duro com a produção local. O título dizia tudo: “Música Popular: vazio no planalto”. Entre as poucas bandas de rock citadas estavam Sol Noturno, Tellah e Brita.

A Nata recebeu uma distinção curiosa: era “talvez o mais profissional da cidade”. O crítico não gostou de tudo. Reclamou que o grupo raramente escapava do rock pesado.

Sem querer, deixou uma pista.

Antes do punk. Antes da Turma da Colina. Antes de Aborto Elétrico, Plebe Rude, Capital Inicial e Legião Urbana, Brasília já tinha uma banda querendo tocar pesado. >>>

ROCK É ALEGRIA DE VIVER

Em 1977, A Nata começou a aparecer pela cidade. Em abril, tocou num campeonato de skate no estacionamento do Cine Karim, na 110/111 Sul. O anúncio prometia “um rock da pesada”. O texto era assinado pelo jornalista e poeta Tetê Catalão.

A formação do grupo já havia mudado. Lá estavam Rogerinho, Cleves e Shorty. A sombra do Cream, de Eric Clapton, Jack Bruce e Ginger Baker, pairava sobre o trio. Não por acaso: Cleves permaneceria ligado ao blues e, décadas depois, montaria uma banda dedicada ao repertório de Clapton.

A colunista Consuelo Badra publicava naquele mesmo dia, 29 de abril, outra nota sobre o mesmo evento, apontando que o grupo faria “um concerto de rock no local ao ar livre, viva a liberdade, inteiramente grátis”.

Em junho, A Nata dividiu o ginásio da Caseb com o Tellah, de Brasília, e o Língua Solta, de Goiânia. Três horas de rock. O *Correio* apresentou-os como “os grupos de rock mais conhecidos da capital”. E dizia que as duas bandas encontravam no *heavy metal* que chegava dos Estados Unidos e da Inglaterra sua principal inspiração.

A Nata, porém, avisava querer fazer um som “popular e comercial”. E deixou ao jornal uma definição menos sisuda sobre o que estava fazendo: “Rock é uma válvula de escape para muitos que sofrem de solidão, rock é alegria de viver.”

Pouco depois, a banda foi ao Gama. O jornal já a chamava de “um dos melhores grupos do Planalto” e registrava algo ainda mais importante: havia repertório próprio. “Jardim de Flores”, “Ponte para o Infinito” e “Bote o Pé na Estrada” eram apresentadas como composições dos integrantes. O jornal noticia que o grupo vinha de uma apresentação bem-sucedida em Goiânia.

A cena estava se formando. Só ainda não sabia que seria chamada assim.

>>>

O ROCK PASSOU. O BLUES FICOU

A Nata não durou muito. Como tantas bandas de uma Brasília que ainda aprendia a construir sua própria cena naqueles intensos anos 70, o grupo deixou poucos registros, algumas fotografias, notícias de jornal e os nomes de músicas que hoje já não podemos ouvir.

Mas pelo menos uma das linhas daquela história continuou. Cleves nunca abandonou a guitarra. Seguiu nos palcos da cidade tocando blues e rock. Passou pela Filial Blues Band, pela Blueprint e permaneceu empunhando a guitarra muitas vezes em torno da referência que já rondava A Nata nos anos 70: Eric Clapton.

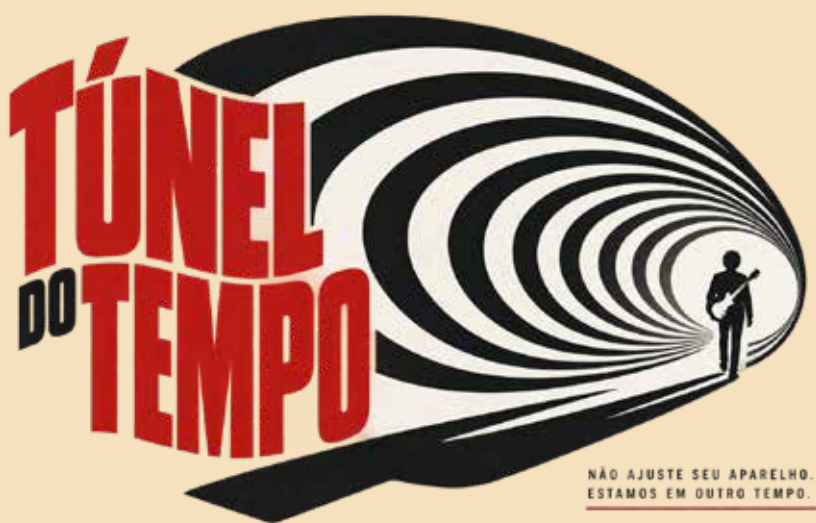
Na virada dos anos 2000, prestou shows-tributo a Eric Clapton, tocando no Gate's Pub, Feitiço Mineiro, bares e casas noturnas da cidade. Em 2006, o *Correio* noticiou que Cleves foi longe: assistiu Clapton no Royal Albert Hall, em Londres. E pôde encontrá-lo pessoalmente. De volta a Brasília, montou um novo show-tributo, tocando clássicos como “Layla”, “Cocaine” e “Tears in Heaven”.

Em 2002, quando Clodo Ferreira fez um show na Sala Villa Lobos, no Teatro Nacional, Cleves estava lá, com sua guitarra. No palco do templo, executou um solo arrebatador para “Revelação”. Sua performance surpreendeu até quem conhecia de cor a versão imortalizada pelo guitarrista Robertinho do Recife.

Na Villa-Lobos, o solo de Cleves fez a música ganhar outra pele e cor. Um outro brilho. Não era mais A Nata. Clodo trazia outra história, outra turma, outras canções. Mas havia alguma coisa em comum entre aqueles músicos que começaram a inventar uma cena quando Brasília ainda era uma cidade adolescente.

Os grupos acabaram. Os palcos mudaram. Alguns amigos partiram. Mas o compromisso com a música — e uns com os outros — permaneceu. ■





1958

Formação do grupo de dublagem/cover Harry Jones e Seu Conjunto, liderado por Jesiel Motta, sucesso em shows e TV.

1960

27 de março

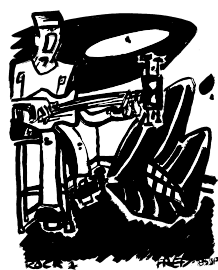
Nasce no Rio de Janeiro Renato Manfredini Jr. (futuro Renato Russo).



21 de abril

Inauguração oficial de Brasília como capital do Brasil pelo presidente Juscelino Kubitschek.





ESCUTE ISSO

PLACA LUMINOSA

Placa Luminosa | 1977

Eles saíram de Brasília. Brasília nunca saiu deles. O primeiro disco do Placa Luminosa, lançado em 1977, guarda uma teia quase esquecida de músicos, bandas e compositores que começou a ser formada em Brasília ainda nos anos 60.

Quando o grupo lançou o LP, uma das músicas chamou atenção imediatamente. “Velho Demais”, de Clodo Ferreira e Zeca Bahia. A canção entrou na trilha da novela *Sem Lenço, Sem Documento*, da TV Globo, e deu a eles o primeiro sucesso nacional.

Mas a história daquele disco começou muito antes. E em Brasília. Os irmãos Ari e Ribah Nascimento, integrantes do Placa Luminosa, haviam tocado nos anos 60 nos Quadradões, uma das bandas da primeira geração do rock brasiliense. Quando deixaram a capital e foram para São Paulo, levaram consigo parte daquela experiência. >>>



Arquivo CENAS/RockBrasília

No palco. Nascida em São Paulo, a Placa Luminosa está ligada à cena musical de Brasília nos anos 60



Backstage. A Placa tinha entre seus integrantes, três egressos do rock candango: os irmãos Ari e Ribah e o vocalista e pianista Jessé

Na nova cidade, formaram o Corrente de Força, ao lado de Luizão e Jessé. Este último, um talentoso pianista e vocalista, estouraria nos anos 80 como cantor. E também carregava Brasília na bagagem. No final dos anos 60, havia integrado Os Inocentes, grupo da capital que chegou a gravar um compacto duplo e participou ativamente da primeira cena roqueira do Distrito Federal.

O repertório do Corrente de Força revela outro fio dessa história. Uma das músicas do repertório do grupo era “Sino Sinal Aberto”, de Clodo Ferreira, que chegou a tocar na Rádio Excelsior.

Clodo também vinha construindo sua trajetória em Brasília. Em 1972, venceu o primeiro Festival do Ceub com uma composição chamada justamente “Placa Luminosa”, que integra o LP e também é parceria dele com Zeca Bahia. Fagner, que circulava naquele ambiente musical brasiliense e conheceu Clodo naquela época, também fazia parte dessa rede de jovens compositores que começava a ultrapassar as fronteiras da cidade.

Quando Ari e Ribah formaram um novo grupo em São Paulo, o nome estava ali: Placa Luminosa. >>>

Na primeira formação apareceria ainda Marquinhos, que havia sido vocalista de Os Geniais, outra banda importante da Brasília dos anos 60.

Quando o álbum chegou às lojas, havia muito mais de Brasília naquele disco do que seu endereço de gravação poderia revelar. E “Velho Demais” fechava o círculo: uma banda formada em São Paulo por músicos vindos da cena brasiliense chegava ao país com uma canção composta por Clodo Ferreira e Zeca Bahia, dois personagens de outra vertente da mesma história musical da cidade.

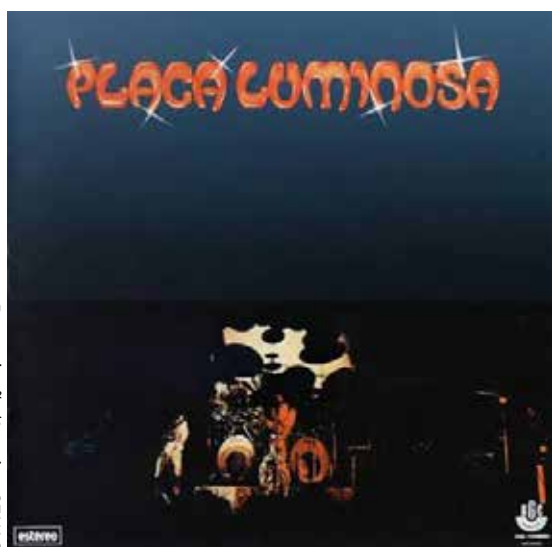
OS FIOS VOLTAM A SE ENCONTRAR

A rede continuaria produzindo encontros. Anos depois, Jessé, o antigo vocalista de Os Inocentes e integrante do Corrente de Força e da Placa Luminosa, alcançaria projeção nacional com “Porto Solidão”, composição de Zeca Bahia e Ginko, apresentada no Festival MPB Shell de 1980.

Vistas isoladamente, essas histórias parecem diferentes: Quadradoes, Inocentes, Geniais, Corrente de Força, Clodo, Zeca Bahia, Jessé, Placa Luminosa...

Olhadas juntas, revelam outra coisa. Músicos mudavam de cidade. Bandas acabavam e outras começavam. Compositores entregavam canções aos antigos companheiros. As músicas circulavam por festivais, rádios, compactos, palcos e amizades.

A história do rock de Brasília ainda nem tinha recebido esse nome. Mas a rede já existia. ■



Reprodução/Arquivo CENAS

OUÇA O
DISCO



CENAS

OS PRIMITIVOS

Os Primitivos no iê-iê-iê | 1967

Antes de Brasília virar “capital do rock”, a cidade já tinha um disco para chamar de seu. Em 1967, Os Primitivos entraram em estúdio e gravaram um LP que misturava a febre do iê-iê-iê com um repertório improvável: “Mulher Rendeira”, “Asa Branca”, “Luar do Sertão”, “Summertime” e sucessos internacionais, além de uma original: “O Gato”.

Nas mãos de Carlos Alberto (vocal), George (guitarra solo), Luizinho (guitarra solo), Edson (guitarra base), Armandinho (baixo) e Everardo (bateria), a clássica do folclore nordestino “Mulher Rendeira” foi transformada.

Com guitarras a ecoar o som dos Byrds e uma batida de rock pulsante, Os Primitivos fizeram algo radical: misturaram o rock anglo-saxônico com as sonoridades profundas do Brasil. O disco engatava “Peguei um Ita no Norte”, uma das pérolas de Dorival Caymmi.

O resultado soa hoje como um retrato extraordinário de uma cidade que ainda estava inventando sua vida cultural — e de jovens músicos tentando descobrir o que poderia ser rock brasileiro no meio do cerrado.

Brasília ainda era uma cidade adolescente. Seu rock também. ■

OUÇA O
DISCO



Reprodução/Arquivo CENAS

OUÇA O
DISCO



Reprodução/Arquivo CENAS

MEL DA TERRA

Mel da Terra | 1983

Se houve uma banda que marcou o início dos anos 80 na cena brasiliense, foi o Mel da Terra. Nascido em maio de 1980 numa Brasília juvenil, o grupo formado por Paulinho Mattos, Paulo Maciel, Sérgio Pinheiro, Remy Portilho, Beto Escalante e Haroldinho Mattos marcou época.

O grupo foi uma das estrelas dos concertos Cabeças, o projeto idealizado por Néio Lúcio que embalou a garotada, primeiro na 312 Norte e, depois na 311 Sul. Era nesse palco que Oswaldo Montenegro, Renato Matos e o Liga Tripa se apresentavam em shows gratuitos.

E é do Mel da Terra o primeiro hit de uma banda de Brasília da década de 80 a ecoar nas rádios da cidade: “Estrela Cadente”. De Paulo Maciel e Edbert, esta balada contribuiu para o sucesso do grupo. Em 1981, a banda foi uma das atrações do festival Rock Cerrado, realizado no extinto Pelezão, ao lado de medalhões do rock nacional, como Raul Seixas, Pepeu Gomes e Walter Franco.

Em 1982, tocou no Rockway, com 14 Bis, Erva Doce e Jorge Ben. E abriram também para Ney Matogrosso, além de dividirem o palco da Escola Parque com Lulu Santos. ■

Little Quail & The Mad Birds

Demo-Tapes | 1992

Nunca houve um grupo como Little Quail & The Mad Birds. Nascido em 1988, o trio formado por Gabriel Thomaz (guitarra e voz), Zé Ovo (baixo) e Bacalhau (bateria) virou de cabeça para baixo a cena musical candanga.

O trio era divertido, endiabrado e dono de *hits* infalíveis: “1, 2, 3, 4”, “Vou te azar na W3”, “Cigarrete”, “Família que briga unida permanece unida” e “Essa menina”.

A fórmula era psychobilly e rock’n’roll, com letras debochadas. Gabriel é um grande *hitmaker* e autor de algumas das pérolas que invadiram as rádios do país naquela década – “I Saw You Saying (That You Say That You Saw)” e “Aquela” – gravadas pelos Raimundos.

O trio estava em toda parte. E ajudou a puxar a segunda invasão do rock brasileiro, ao lado de Raimundos, Maskavo Roots e Pravda, mantendo Brasília no mapa do rock nacional.

Foi esta demo que chamou a atenção do produtor Carlos Eduardo Miranda, então repórter da *Bizz*. Ao descobrir a cena de Brasília, Miranda virou uma espécie de Midas e encontrou também outros grupos icônicos fora do eixo Rio-São Paulo, como Mundo Livre S/A e Chico Science & Nação Zumbi. ■



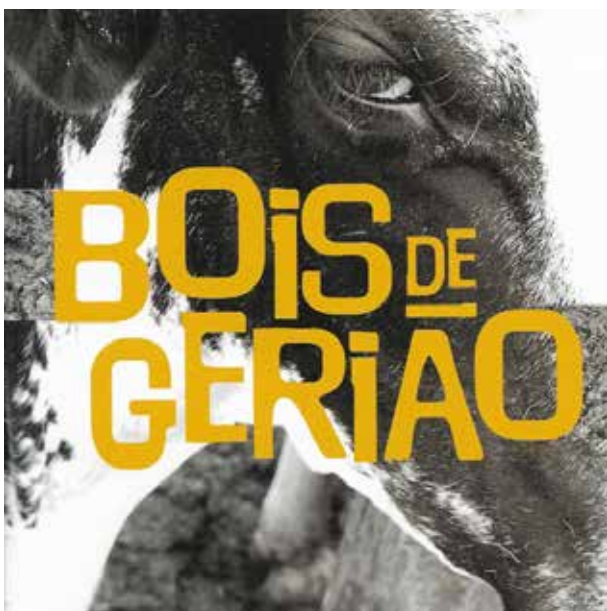
OUÇA O DISCO



OUÇA O
DISCO



Reprodução/Arquivo CENAS



BOIS DE GERIÃO

Bois de Gerião (2002)

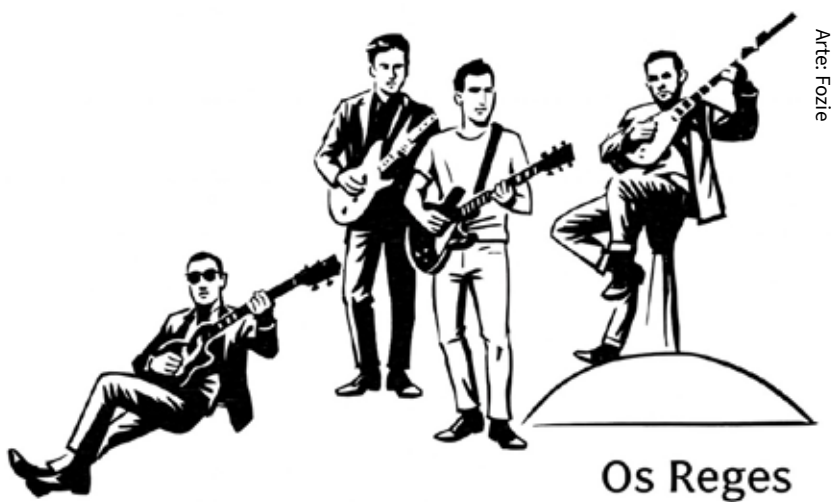
Formado em meados de 1994, o grupo Bois de Gerião fez história e muita música na cidade até encerrar as atividades em 2009. Eram seis amigos que começaram a fazer um som ainda no ensino médio: Rafael Farret (voz e guitarra), Tell (baixo), Gabriel Coaracy (bateria), Vincent Gautier (sax tenor), Foca (sax alto) e Gustavo Simões (trompete).

O grupo lançou belas demos, a primeira chamada ‘Love Me Tender’. Em 1999, a banda alcançou o reconhecimento ao se apresentar no Porão do Rock, arrancando aplausos e o respeito de público e crítica. Em 2000, repetiram a dose.

Este primeiro disco foi lançado pelo selo Prótons, com produção da banda e de Philippe Seabra, da Plebe Rude, que vinha então se dividindo como produtor e guitarrista da Daybreak Gentlemen – a Plebe ainda não voltara oficialmente.

No palco, o som do grupo sempre foi uma síncope rítmica. O som? Rock. Com metais, mas rock. Ainda que recheado de toques skanianos.

Entre as muitas influências citadas pela banda, Sex Pistols, Ramones, Dead Kennedys e grupos de ska da levada dos anos 80 e 90. Deste disco, destacam-se “Cifrão”, “Garota Fivelinha Clubber”, “Eu não sei o que fazer” e “Dia de sábado”. ■



A revista **CENAS** foi construída a partir de uma extensa pesquisa em jornais, arquivos e depoimentos de quem viveu em Brasília. O editor-chefe de **CENAS**, jornalista Olímpio Cruz Neto, usou no projeto seu acervo pessoal, compilado ao longo dos últimos 40 anos, para resgatar parte da história do rock produzido no Distrito Federal desde os anos 60.

Jornais & Revistas

Pesquisas realizadas nos acervos dos veículos:

Correio Braziliense

O Globo

Correio da Manhã

O Estado de S. Paulo

Revistas Manchete e Bizz

Livros, Sites & Publicações

“Rolla Pedra”, do pesquisador Paulo Kauim

Catálogos de acervos musicais e culturais do Distrito Federal

“Do Próprio Bolso”, do jornalista Mário Pazcheco:

www.dopropriobolso.com.br

“Senhor F”, do editor e jornalista Fernando Rosa:

www.senhorf.com.br

Arquivos

Arquivo Público do Distrito Federal

Arquivo Público da Universidade de Brasília

Biblioteca do Senado

Hemeroteca da Biblioteca Nacional



Arte: Fred

CENAS
HISTÓRIAS DA MÚSICA DE BRASÍLIA

Editor-responsável
Olimpio Cruz Neto (2790/DF)

Colaboradores
Fernando Rosa
Fozie
Frederico Medeiros
Ian Russell
José Romildo
Paulo Chagas

e-mail
cenas.rockbrasil@gmail.com

CENAS é uma publicação da
Oficina da Notícia S/C Ltda,
inscrição no CNPJ sob o número
05.041.531/0001-46.

Lost in the supermarket

Uma HQ de Olímpio Cruz Neto

**Cor.
Fúria.
Poesia**

**Londres em chamas,
Brasília em sintonia**